

ARQUIVOS PARTICULARES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM IRATI-PR

Regiane Maneira¹

Resumo: A presente proposta de artigo tem como objetivo o estudo da trajetória de imigrantes italianos e seus descendentes que deixaram as colônias em Campo Largo – PR e se dirigiram para a cidade de Irati – PR, no início do século XX, em busca de terras e melhores condições de vida. Como fonte histórica nos utilizaremos de arquivos particulares dos descendentes de italianos como fotos, cartas e escrituras de compra e venda de terras. Essas fontes nos auxiliam a compreender as práticas, os saberes e as memórias que se construíram nesse processo. Como amparo teórico metodológico nos utilizaremos de Jacques Le Goff para refletirmos em torno da memória. Essa proposta de trabalho contribuirá para ampliarmos as discussões sobre a imigração italiana e compreendermos as diversas faces que essa história possui.

Palavras-chave: Fontes históricas. Arquivos particulares. Imigração. Italianos.

OS DESCENDENTES DE ITALIANOS EM IRATI-PR

“Vamos na casa no *nonno* Momi e da *nonna* Quinha!”; “Venha aprender como se faz uma boa *polenta!*”; “Hoje vai ter ‘*fortaia*’² na janta!”; “Traga o ‘*talheiro*’³, a ‘*mescula*’⁴ e a ‘*tetcha*’⁵!”; “Ali moravam muitos ‘*brasiliani*’⁶, mas venderam todas as terras pros italianos!”; “Nós italianos gostamos de falar alto e tomar vinho!”. Essas frases, deslocadas de seu contexto cultural e social, podem parecer estranhas ou mesmo sem sentido. Porém, para quem vivenciou e até mesmo vivencia a realidade de comunidades da zona rural de Irati-PR, essas frases despertam memórias, práticas e sentidos próprios.

Essas frases, pronunciadas rotineiramente por famílias da zona rural de Irati, durante muitos anos soaram naturalizadas para uma criança que cresceu em uma comunidade que

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina –UDESC, sob a orientação do professor Dr. Luís Felipe Falcão. E-mail: maneiraregiane@yahoo.com.br

² Prato feito basicamente com ovos mexidos.

³ Tábua de madeira na qual a polenta é colocada para ser servida.

⁴ Pá de madeira usada para mexer a polenta.

⁵ Panela específica para o cozimento da polenta.

⁶ “Brasileiros”

predominavam famílias descendentes de italianos vindos de colônias de Campo Largo –PR. Hoje, elas despertam uma inquietação e uma busca para entender como memórias, práticas e saberes construíram uma identidade e um “ser italiano” em Irati-PR. Afinal, a identidade é construída historicamente e não biologicamente. (HALL, 2011, p. 13)

O *locus* de nossa pesquisa é a cidade de Irati. Localizada na região centro-sul do estado do Paraná, tem sua história marcada pela formação de colônias federais, no início do século XX, de imigrantes poloneses, alemães e holandeses, especificamente o Núcleo Iraty (atual Colônia Gonçalves Júnior⁷) e Colônia Itaparã⁸.

Segundo José Maria Orreda os primeiros imigrantes que chegaram foram os holandeses em 1908. No ano seguinte, em 1909, chegaram os alemães e em 1910, os ucranianos, poloneses e austríacos (ORREDA, 1974, p. 7). Após a instalação governamental desses grupos étnicos, ainda na década de 1910 começaram a se deslocar, espontaneamente, das colônias de Campo Largo, famílias de imigrantes italianos e seus descendentes.

Entre 1915/1917, a migração de origem italiana, procedente da região de Campo Largo, fixou-se em Rio do Couro, no distrito de Gonçalves Júnior e posteriormente em outras áreas do território municipal, mencionando-se as famílias/Maneira, Fracaro, Magaton, Aggio, Jacumasso, Longato, Feltrin, Seguro, Crovador, Fiori, Camilo, Bianco, Campanharo e outras. Na região do Mato Queimado [...] as famílias Marochi, Brandalize, Slompo e outras. (ORREDA, 1974, p.51)

Além das famílias citadas pelo autor, também podemos destacar outras como: Maso, Berton, Mazon, Zanlorensi, Zarpelon, Andreassa, Gasparelo e Rossa, a maioria destas fixando residência na localidade rural de Pinho de Baixo no município de Irati.

Diferentemente de poloneses, alemães e holandeses, essas famílias vieram sem auxílio governamental, comprando terras de particulares, principalmente de pessoas “brasileiras” que já residiam na região de Irati. Além disso, fazem parte de um processo de reemigração, pois partiram das colônias Balbino Cunha e Dona Mariana, localizadas em Campo Largo e também da colônia Nova Itália, situada em Morretes.

⁷ O distrito de Gonçalves Júnior iniciou sua colonização em 1908 com holandeses e em 1919 tornou-se distrito. Inicialmente foi chamado de Núcleo Iraty, depois Barra Mansa e por último Gonçalves Júnior, esta última nomenclatura permanece até os dias atuais. ORREDA, José Maria. **Irati**. Volume II. Irati: Editora Sul-Oeste do Paraná, 1974. p. 35.

⁸ Na época da formação dessa colônia, seu território fazia parte de Prudentópolis. Hoje, a localidade compreende o território de Irati.

Essas famílias se deslocaram dessas colônias e começaram a comprar terras e se fixarem em comunidades na área rural de Irati, como Cerro da Ponte Alta, Rio do Couro, Faxinal do Rio do Couro, Mato Queimado, Papuã, Volta Grande e Pinho de Baixo. Atualmente, a maioria dessas localidades, tem a predominância de seus moradores, descendentes das famílias de imigrantes, os quais tem sua renda baseada na produção de gêneros agrícolas, como a soja, o milho, a cebola e o tabaco. Observa-se que nessas comunidades existe a presença de hábitos culturais relacionados à imigração italiana, como os parreirais, as vinícolas, e também ligados à construção da identidade desse grupo, como o grupo folclórico “Chiaro di Luna”, o museu “Casa dei Nonni” e a “Festa da Polenta”.

O grupo “Chiaro di Luna” (*ver figura 1*) é composto, em sua grande maioria, por descendentes de italianos, os quais semanalmente participam de reuniões para aprender a língua italiana, bem como ensaiar canções típicas. Esse mesmo grupo é responsável pela organização da “Festa da Polenta”. A festa é anualmente realizada na comunidade de Pinho de Baixo e reúne pratos considerados típicos italianos, tendo como base a polenta e o vinho acompanhados de músicas cantadas pelo “Chiaro di Luna” e também outros grupos. Na festa também são comercializados produtos coloniais, como linguiças, queijos, pães, licores, vinhos, bolachas entre outros produtos feitos pelos próprios moradores.



Figura 1: Estandarte do grupo “Chiaro di Luna”

Fonte: Arquivo pessoal de Regiane Maneira. Data: 02/09/2017

O Museu “Casa dei Nonni⁹” (ver figura 2) está localizado também em Pinho de Baixo. Seu nome quer dizer “casa dos nonos” e reúne objetos e utensílios que eram usados no trabalho cotidiano pelos moradores. O acervo do museu também conta com fotos e outros documentos que retratam a história da imigração italiana em Irati e da localidade de Pinho de Baixo. Aos finais de semana, os moradores oferecem aos visitantes passeios de carroça pela mata e um café colonial com pratos típicos.

Figura 2: Museu “Casa dei Nonni”



Fonte: Panoramio.com¹⁰

A presença desses elementos revela a forte influência da identidade étnica italiana no município de Irati. Contudo, são praticamente inexistentes trabalhos que abordem desde a saída desses descendentes de Campo Largo, no início do século XX, até sua chegada e adaptação no município de Irati, bem como as práticas culturais que até hoje estão presentes na cidade.

Dessa forma, existe a necessidade de se refletir sobre a importância desse grupo étnico para a composição da história de Irati e a de se reescrever a história. Segundo Reis há dois

⁹ Confira o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=FyEzZ825JTc>. Acesso em 07/07/2017.

¹⁰ Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/78736972>. Acesso em 07/07/2017

motivos, entre outros, que exigem a reescrita da história. O primeiro motivo está relacionado à própria:

especificidade mesma do objeto do conhecimento histórico: os homens e as sociedades humanas no tempo. O sentido dos processos e eventos humanos, que são temporais, não é conhecível imediatamente. Os homens e as sociedades humanas, por serem temporais, não permitem o conhecimento mediato, total, absoluto e definitivo. A história só se torna visível e apreensível com a sucessão temporal. A reescrita contínua da história torna-se, então uma necessidade. (REIS, 1999, p. 7)

O segundo motivo apontado pelo autor é o que contribui diretamente para nossa pesquisa:

a história é reescrita porque o conhecimento histórico muda, acompanhando as mudanças da história. Novas fontes, novas técnicas, novos conceitos e teorias, novos pontos de vista levam à reavaliação do passado e suas interpretações estabelecidas. Há uma transposição para esta linguagem do patrimônio do passado. O passado é então repensado e resignificado de forma renovada e fecunda. (REIS, 1999, p. 9-10)

O novo ponto de vista que nossa pesquisa trará é tomar como objeto de estudo não apenas as colônias italianas, mas as pessoas que saíram destas e partiram em busca de melhores condições de vida na zona rural de Irati e que hoje ainda mantêm práticas e saberes considerados “italianos”.

A própria história de Irati carece de novos pontos de vista e novos conceitos. São praticamente inexistentes trabalhos que abordem a presença de italianos e seus descendentes no município. Os únicos trabalhos que tomamos conhecimento são duas genealogias de família. Um desses livros está intitulado como “Descendentes da família Francisco Stroparo e Luíza Eulália Simionato Stroparo”, publicado em 2007 e o outro “A colônia que veio do pó”, de autoria de Osmar Aggio, a qual não possui data de publicação.

OS ARQUIVOS PARTICULARES E O ESTUDO DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS EM IRATI-PR

A grande maioria dos estudos sobre a imigração italiana no Brasil se utiliza dos mais variados tipos de fontes, conforme destaca Marieta de Moraes Ferreira:

A diversidade de fontes existentes para acompanhar a trajetória de grupos de imigrantes chegados ao país no século XIX é bastante significativa, tais

como: publicações oficiais (relatórios de ministérios, atas das câmaras municipais etc.), obras de cronistas estrangeiros, documentação paroquial e cartorial, arquivos privados pessoais, arquivos fotográficos e depoimentos orais de descendentes dos imigrantes etc. (FERREIRA, 2000)

Essa variada tipologia de fontes históricas nos fornecem uma gama de possibilidades de pesquisa sobre a imigração e permitem ao historiador sondar diferentes aspectos culturais, sociais e econômicos que faziam/fazem parte do cotidiano dos imigrantes e de seus descendentes. Destacamos nesse artigo a importância que os arquivos particulares possuem para se compreender a presença de descendentes de italianos em Irati e as possibilidades de pesquisa que essas fontes oferecem.

Por arquivos particulares entendemos os acervos que estão sob a guarda das famílias dos descendentes de italianos, como fotos, cartas, livros, documentos de compra e venda de terras, objetos de uso pessoal, utensílios domésticos, instrumentos agrícolas, etc. A conservação desses documentos, por parte dessas famílias, pode estar relacionado ao que Pierre Nora chamou de “lugares de memória”, pois sua guarda produz um significado para o grupo, bem como um sentimento de pertencimento.

“Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões da eternidade [...] são os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma cultura que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos” (NORA, 1993, p. 13)

Nota-se que esses arquivos particulares são frutos de uma construção história e de uma preocupação do que quer ser lembrado e do que quer ser esquecido. Nem tudo o que representou o passado foi guardado pelas famílias, indicando que somente determinadas coisas “falam” sobre o passado e que somente estas devem lembradas.

Segundo Jacques Le Goff,

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos,

herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. (LE GOFF, 1994, p. 535)

Para o autor os dois principais tipos de materiais da memória são os monumentos, que seriam as heranças do passado e o documento, fruto da escolha do historiador. Isso significa que as fontes históricas são, antes de tudo, construções de sociedade históricas e que, portanto, estão permeadas de operações de forças, o que requer um trabalho cauteloso do historiador para perceber essas nuances e não tratar todo documento somente enquanto monumento.

Levando em consideração essas questões é importante também pensarmos na própria instituição que guarda a memória desses grupos de descendentes de italianos: as famílias. O ato de guardar esses documentos/monumentos e conservá-los de geração em geração indica uma preocupação das famílias em ter um pertencimento e produzir uma sensação de estabilidade em um mundo cada vez mais individualista em que o esquecimento já faz parte do cotidiano.

Conforme afirmou a pesquisadora Syrléa Marques Pereira em sua tese intitulada “Entre história, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres”, esse processo de desestabilidade social produziu uma preocupação em se preservar a própria memória do grupo familiar como uma forma de “fugir” do esquecimento e da perda das “raízes”.

Por conseguinte, esses mesmos indivíduos revalorizaram ainda mais a preservação da memória do próprio grupo familiar, em especial em momentos de crise e mudança, como é o caso da imigração. Não por outra razão, famílias imigrantes são cuidadosas a eleger seus guardiões da memória, selecionar histórias que deveriam ser narradas, estabelecer ‘lugares de memória’, como também reunir e conservar bens materiais impregnados de valor simbólico, ou seja, documentos/monumentos voltados ao futuro. (PEREIRA, 2008, p. 200)

Os documentos/monumentos guardados pelas famílias podem ser interpretados como o desejo de segurança e da preservação da memória familiar. Contudo, esse processo é carregado de significados e simbolismos e cabe ao historiador perceber e analisar que tipo de memória está sendo preservada.

No caso das famílias de descendentes de italianos em Irati, grande parte dos documentos que possuem são fotografias das famílias¹¹ (*ver figura 3*), dos casamentos, das festas religiosas, da Primeira Comunhão (*ver figura 4*), entre outros. Nota-se que a grande maioria dessas fotografias estão relacionadas a comemorações religiosas, principalmente ligadas à igreja católica.

O debate sobre a fotografia como fonte histórica já vem de longa data. Esse tipo de documentação pode permitir que aspectos da sociedade que está sendo analisada sejam observados. Como todo documento histórico, exige a atenção do historiador por se tratar de uma fonte que possui, como qualquer outra, intenções e que produz um discurso cultural do grupo que faz parte.

A fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. (MAUAD, 1996, p. 7)

Como exemplo podemos analisar a figura 3, na qual observa-se a própria disposição das pessoas para a foto: a figura do pai e da mãe no centro e dos filhos(as) em seus lados. Ao que parece, os filhos(as) mais velhos(as) são colocados, da esquerda para a direita, em ordem da idade cronológica. Isso mostra que a fotografia também é uma construção e manipulação da realidade, indicando que possui determinadas intenções.

Figura 3: João Baptista Maneira, sua esposa Olivia Bianco e filhos. (Aprox. década de 1940, localidade de Rio do Couro)



¹¹ É bastante comum as famílias serem fotografadas em suas residências, na propriedade dos envolvidos na foto.

istoria existente

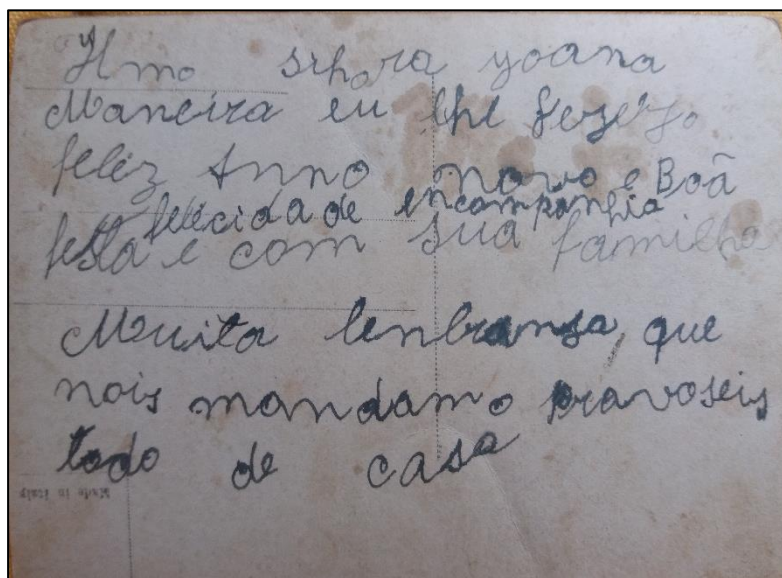
Figura 4: Primeira Comunhão. (Aprox. década de 1950, localidade de Rio do Couro)



Fonte: Arquivo particular de Maria Elizabeth Maneira (in memorian)

Outros documentos que também podem ser encontrados nesses arquivos particulares são cartões, geralmente enviados por parentes que residiam em Campo Largo, em datas comemorativas como Natal e Ano Novo (ver figura 5).

Figura 5: Cartão de Ano Novo. (Sem data)



Fonte: Arquivo particular de Maria Elizabeth Maneira (in memorian)

Os documentos que indicamos acima são apenas parte do acervo que as famílias guardam e são acomodados em caixas que geralmente ficam no dormitório da pessoa responsável em “guardar a memória” da família ou em móveis que contenham chave, conforme a pesquisadora Syrléa Marques Pereira já havia mencionado em sua tese. Nota-se que essa “memória” é guardada em locais íntimos das famílias e não são expostas a qualquer olhar curioso. (PEREIRA, 2008, p. 204)

Pode-se perceber que só a maneira como se guardam esses documentos e o que se guarda já é algo que merece reflexões mais atentas e permitem sondar uma série de questões que faziam e ainda fazem parte do cotidiano dos descendentes de italianos em Irati. Não somente a forma como se guarda, mas também as informações que esses documentos contêm podem nos auxiliar a compreender muitos aspectos ligados ao âmbito social, cultural e econômico dessas pessoas.

É de grande importância que essa documentação seja localizada e utilizada para a pesquisa histórica. Por serem fontes inéditas, podem fornecer novos olhares sobre chegada, adaptação e permanência dos descendentes de italianos em Irati.

Nosso artigo buscou fazer indicações sobre a possibilidade da pesquisa histórica em relação às práticas culturais de descendentes de italianos em Irati partindo de fontes que eles próprios guardam e das possibilidades de pesquisa que podem fornecer. Essas fontes fornecem informações riquíssimas para compreendermos como era a maneira de viver dessas pessoas e como seu cotidiano estava configurado.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Osmar. **A colônia que veio do pó**. Gráfica Planeta. Sem data.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Fontes históricas para o estudo da imigração**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 9f. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/936.pdf. Acesso em 07/08/2017.

FILLUS, Luiza Nela; BONETE, Izabel Passos. **Descendentes da família Francisco Stroparo e Luíza Eulália Simionato Stroparo**. Guarapuava: Vermelho, 2007.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, p. 73-98. 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Proj. História, São Paulo, n. 10, p.7-28, 1993.

ORREDA, José Maria. **Irati**. Volume II. Irati: Editora Sul-Oeste do Paraná, 1974.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre história, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres**. Niterói, 2008. 280 páginas. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil de Varnhagem a F.H.C**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.